

António Jesus Cunha

AMOR ETERNO

(EU, TU... E DEUS)



Tecto de Nuvens

Introdução

O poeta Miguel Trigueiros no poema “Juramento” exalta a consagração do casal cristão: “Só um do outro e os dois de Deus”. Não faz qualquer sentido, nos nossos dias, continuar a dar ao Matrimónio um estatuto secundário ou, de forma impensável, atribuir-lhe a condição de mal menor. Infelizmente, há muita boa gente que continua a pensar que as pessoas casadas não podem ser santas e sobrevaloriza outras formas de consagração que têm por norma de vida o celibato. Convém recordar que S. Paulo define matrimónio e celibato, um e outro, como dons de Deus. É tempo de olhar de outra maneira para o Matrimónio como sacramento que consagra o casal, que compromete a fazer do amor conjugal um sinal do amor de Deus pelo seu Povo, ou, como diz S. Paulo, sinal do amor de Cristo pela Igreja. Esta é uma forma de consagração privilegiada por Deus, por isso, caminho normal para a santidade. Sem esquecer que a nossa grande marca é o Baptismo, no meu humilde entender, não devemos sobrevalorizar as vocações de especial consagração. São especiais não por serem melhores ou mais importantes que o Matrimónio, mas por implicarem disponibilidade total e exclusiva a Deus e aos irmãos. O Matrimónio tem precisamente este sinal de exclusividade, mas comporta algumas vantagens. Ora as vocações de especial vocação privam-se, digamos assim, destas “vantagens”. Mas, num caso e noutra, há igualmente “desvantagens”. No Matrimónio, estas, nos tempos que correm, são mais visíveis: instabilidade no emprego, enorme exigência na educação dos filhos, as normais dificuldades de relacionamento, etc. Nas vocações de especial consagração fica-se privado das vantagens de viver em família e

há que contar com as regras da vida em comunidade. *Só um do outro e os dois de Deus* encerra uma enorme exigência de caminhada. Se tem vantagens em partilhar a vida, em poder contar com o apoio mútuo nos bons e maus momentos, há a contrapartida duma doação total, renovada em cada dia, fazendo a experiência de perdoar e ser perdoado, ultrapassando dificuldades e potenciando as diferenças para – a partir delas – crescer. Mas uma das maiores exigências do Matrimónio é a capacidade de dar a vida um pelo outro e pelos filhos, exactamente na perspectiva paulina de “como Cristo deu a vida pela Igreja”. Partilho da opinião que actualmente a caminhada em casal é mais difícil, talvez mais exigente, que a caminhada a partir do celibato. O casal é chamado a ser, como diz um poeta espanhol, dois rios que se juntam num só. Como um só rio, as margens são diferentes, com obstáculos, com contornos desiguais. O casal não pode ser como as linhas do comboio, sempre paralelas, mas que nunca se encontram. Ser *só um do outro* é a exigência de quem ama, de quem se dá, de quem é capaz de morrer para que o outro viva. Ser *os dois de Deus* é caminhar de mãos dadas pela vida, consagrados por sacramento que se vive em permanência.

**SUBSÍDIOS
PARA ESPIRITUALIDADE
CONJUGAL**

O amor conjugal é encontro

Contou-me o João que o que mais o impressionara nos encontros de preparação para o Matrimónio foi a pergunta do assistente espiritual: “Morrias pela pessoa que amas?” As reacções dos noivos nem sempre estavam em conformidade com o que eles próprios testemunhavam: estavam todos muito apaixonados, fariam tudo pela pessoa amada, mas morrer por ela... Lembrou-se dos seus pais. De facto, a vida deles era uma doação total um ao outro. Isto tornou-se extraordinariamente visível, quando o pai, certo dia, se colocou à frente dum touro em fúria que investira contra a sua mãe. Esteve largos meses hospitalizado. Esta recordação fê-lo entender a pergunta do assistente espiritual. Amar alguém é, como escreveu Feliciano Blásquez, dizer-lhe “Tu não morrerás”. Ou seja, a tua vida para mim é tão importante que a minha só tem sentido se for tua. Antoine de Saint-Exupéry, em *O Príncipezinho*, a propósito duma flor, escreve frases fabulosas que se aplicam inteiramente a esta situação: “Se alguém gostar duma flor da qual existe apenas um único exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso bastará para se sentir feliz quando as contempla. Diz para consigo: «A minha flor está lá, em qualquer parte...» mas se a ovelha come a flor, é como se, de súbito, todas as estrelas se apagassem”. Em muitos tratados sobre o amor conjugal aparece um conceito, nos dias de hoje, muito esquecido: o amor não se tem, não se possui como um automóvel ou um computador. O amor dá-se. Esta é uma descoberta de tantos maridos e esposas: na medida em que me dou, em que faço da minha vida uma doação sem reservas à pessoa que amo, estou a criar nela um rio inesgotável de novas possibilidades. O amor é essencialmente encontro: como aquele em que te vi pela primeira vez, em que o meu coração bateu sobressaltado.

Este encontro, repetido em cada dia, mil vezes em cada ano, mas sempre novo, sempre como o primeiro, que me faz tremer as pernas, torna-me feliz. No fim de um dia de trabalho, estou ansioso por regressar a casa, ou encontrar-te na paragem do autocarro que nos há-de levar de regresso ao nosso lar. Mas este nosso encontro, por mais romântico, por mais sincero, nem sempre é fácil. A vida está cheia de dificuldades. Estas são para vencer. Na medida em que o casal as vence, consolida o seu amor. Voltando ao *Príncipezinho*, apetece-me recordar a “guerra” entre as flores e as ovelhas... “Há milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões de anos que, apesar disso, as ovelhas comem as flores. E não será uma coisa séria procurar compreender porque é que elas têm tanto trabalho para fabricar espinhos que não servem para nada?” As dificuldades só têm sentido se forem vencidas. Há milhões de anos que elas existem. Há milhões de anos que há sempre alguém que as vence.

Cativar: a magia duma relação

Há palavras e expressões que significam toda a magia que é necessária numa relação humana, em especial ente marido e esposa. Há uma que, de facto, encerra todos os segredos que, ao longo do tempo, transformam em amor duradouro o que começou como simpatia, atracção física ou paixão à primeira vista: a palavra “cativar”. Um dos significados possíveis é “seduzir”. Na Bíblia, temos o episódio de Jeremias que reclama com o Senhor, por quem se sente abandonado: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir! Tu me dominaste e venceste” (20,7). Mesmo neste caso, olhando as coisas nesta perspectiva, a tradução mais adequada seria “cativar” em vez de “seduzir”. O profeta deixou-se cativar por Deus, e foi criando com Ele laços de intimidade. Estes laços levaram-no a uma identificação total com Deus.

Na relação entre duas pessoas é essencial a capacidade mútua de cativar, de criar laços de intimidade. Estes laços sustentam a relação, mesmo nos momentos de aparente ruptura. Jeremias sentia que aquela relação como Senhor tinha-lhe trazido grandes dissabores. Mas, depressa reconheceu: “A palavra do Senhor tornou-se para mim motivo de insultos e escárnios, dia após dia. A mim mesmo dizia: «Não pensarei nele mais! Não falarei mais em seu nome!» Mas, no meu coração, a sua palavra era um fogo devorador, encerrado nos meus ossos. Esforçava-me por contê-lo, mas não podia” (20, 8-9). No casamento, muitas vezes há uma sensação semelhante à de Jeremias: afinal dediquei-te toda a minha vida e que recebo em troca? Mas a magia do cativar vem ao de cima: como posso viver sem ti? Que seria da minha vida sem ti? O segredo da harmonia do casal passa muito por este esforço de “cativar” e “deixar-se cativar”. Escolhi-te e, por isso, sou responsável por ti. Cativaste-me.

Agora nada na minha vida tem sentido sem ti. O que é verdadeiramente importante na vida é o facto de me teres cativado, de teres criado laços de vida comigo. Agora somos inseparáveis. É por esta razão que dia a dia sinto a necessidade de te cativar com todo o meu amor, com os gestos, com todas as palavras. E porque te cativei, és o que de mais importante existe para mim. Antoine de Saint Exupéry, no “Príncipezinho”, diz isto de forma admirável. O que tornava aquela flor tão especial para o príncipezinho era o facto de ser “a sua flor”, a flor que o cativara, a quem dedicava cuidados tão especiais. Mas quando surpreendido com milhares de outras flores iguais à sua flor, esta não deixou de especial, única.